

Epistemologia da análise do discurso no turismo

Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano (luzianeidecoriolano@gmail.com)*

Resumo

Resumo: Este texto apresenta reflexões sobre a metodologia "análise do discurso", aplicado ao turismo. Mostra como o discurso transformou o turismo em signo, e o que era plurivalente acaba transformando-se em discurso coletivo ou monovalente. Investiga como os signos, em uma abordagem crítica, são produzidos num percurso sócio histórico e por razões socioeconômicas, associando significantes e significados. Mostra que o sentido construído para o turismo delimita um raio de possibilidades para a operacionalização de ideologia. Nos deslocamentos de sentidos é construído um discurso coletivo no turismo o da geração de emprego e renda. Por fim analisa o discurso dos governos, dos empresários e das comunidades buscando a resignificação dos conceitos.

Palavras-chave: Turismo, Análise do Discurso, Signo, Resignificação.

Abstract

Abstract: This paper submit reflections about methodology "analyze techniques" apply to tourism. Shows how the discourse transform the tourism in sign, and that was plurivalent becoming in collective discourse or monovalent. Investigate critically how signs are produced in a social historic route and reasons socioeconomics, associating meanings and significant. Display how the constructed meaning for tourism reveal a restrict area of possibilities to ideology operation. In the movements of meanings is created a collective speech in tourism about the generation of jobs and incomes. Finally analyze the governments, entrepreneur and communities discourses, searching concept resignification.

Key-words: Tourism, Analyze Techniques, Sign, Resignification.

Introdução

As teorias são conhecimentos construídos, que medeiam a explicação e a compreensão do fenômeno investigado, produzem categorias de análises e conceitos que ajudam a explicar o real. Diz Lefebvre (1983, p. 217) que "a aparência e o fenômeno são, simultaneamente, um momento da essência (a essência em uma de suas determinações, em uma de suas relações) e um momento da reflexão. A essência aparece na "aparência" e é aí que nossa reflexão a busca e a encontra. É em e pela pesquisa da essência que nossa reflexão torna-se interior à coisa".

A metodologia da análise do discurso implica buscar bases epistemológicas e conceituais que indiquem caminhos para a apreensão dos fenômenos estudados.

Uma metodologia voltada especialmente à análise qualitativa e baseada nos princípios da concepção múltipla da realidade, que busca as relações e correlações, que interroga sobre a intencionalidade das ações e leve a uma pesquisa participativa e participante, apreende mais a realidade e aproxima-se mais do real.

As intenções é que conduzem as políticas, ações e práticas sociais e são também indícios do porvir. As instituições caracterizam-se por discursos. O turismo tem um discurso próprio. São os representantes dos governos, dos empresários e das comunidades que o formulam. Produzem-se os discursos para o controle da sociedade ou dos próprios sujeitos e como leciona Prof Wanderley Geraldi (2003), se há necessidade de controle, é porque há descontroles. Também se pode atribuir a necessidade do controle à emergência dos conflitos e à vontade de dominação.

Identifica-se quem discursa, de onde, a qual instituição pertence o discurso? Quais os deslocamentos institucionais? Que

resultados produzem? Que tese os discursos defendem? Quais as contradições inseridas nos discursos, falas e ações? Que realidades produzem? Os discursos não são únicos, embora algumas ideologias tentem aproximá-los. Faz-se necessário identificar o que foi dito, e suas diferenças, as relações e interações dos discursos, em uma dada realidade social. As ideologias são discursos para esconder, mas um texto científico propõe-se a ser um discurso para desvendar, compreender as lacunas, caso contrário, cairia no positivismo.

Os lugares, o desenvolvimento regional e o turismo possuem significados, diretrizes, objetivos, discursos e políticas variadas. Orlandi (2000, p. 16) lembra que

os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito, relativizando a autonomia do objeto da lingüística. Não trabalha com a língua fechada nela mesma, mas com o discurso que é um objeto sócio-histórico em que o lingüístico intervém apenas como pressuposto.

Procurar compreender como o turismo produz significados e sentidos, como está investido de significância para os sujeitos. As atividades turísticas produzidas por governos, empresários, e comunidades anfitriãs contêm mensagens a serem decodificadas e sentidos que os pesquisadores precisam apreender.

A análise do discurso propõe-se a construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicar a relação desse saber com a realidade, uma análise que não se aprende, não se ensina, mas que produz seus efeitos. "Essa nova prática de leitura - a discursiva consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária" (ORLANDI, 2000, p. 34).

* Prof. º da Universidade Estadual do Ceará - UECE e da Faculdade da Grande Fortaleza.

Na análise do discurso, o imaginário, os signos, as imagens são produzidas de forma relacionada com o modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas por meio de relações de poder. O discurso revela as representações e ideologias, permeadas pela linguagem que são também temporais.

"Tudo que é ideológico possui significado e remete a algo situado fora de si mesmo, tudo que é ideológico é um signo" (BAKHTIN, 2002, p. 31). No turismo, assim como em outras atividades, se repete de forma ideológica o que se pensa, ou seja, o sentido que se dá aos fatos é determinado por posições ideológicas. Daí, para uns, o turismo ser uma panacéia e, para outros, comparável a um furacão devastador.

As palavras carregam sentido nelas mesmas - o cognitivo - mas também dependem do contexto em que se inscrevem - o denotativo. Por isso, na linguagem, as palavras iguais podem ter significados diferentes, pois se inscrevem em formações discursivas dessemelhantes.

O desenvolvimento econômico, os lugares e o turismo, para variados grupos e pessoas, possuem distintos significados. Quando pessoas de renda alta concebem a qualidade de vida e a sustentabilidade, emprestam a esses conceitos sentidos desiguais em relação aos que lhe são atribuídos pelos segmentos de classe pobre ou de baixa renda.

Um dos pontos fortes da análise do discurso é a resignificação dos conceitos. Não há sentido sem interpretação, mas, lembra Orlandi (2000, p. 46) "nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico".

Esse apagamento da interpretação

produzindo subjetividades é explicado na teoria materialista através da produção de uma teoria não subjetiva da subjetividade, na qual se pode trabalhar o efeito de evidência dos sujeitos e dos sentidos, para que a ideologia deixe de ser ocultação, mas uma relação necessária entre a linguagem e os grupos que se comunicam; desconstruir, para construir novamente.

Para Brandão (1998, p. 12) "o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos é, portanto, o discurso. E para Foucault o discurso é o espaço em que poder e saber se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente".

O pesquisador, portanto, faz escutas para ouvir depoimentos, como ensina Orlandi (2000, p. 59): "ouvir para lá das evidências e compreender acolhendo, a opacidade da linguagem, a determinação dos sentidos pela história, a constituição do sujeito pela ideologia e pelo inconsciente, fazendo espaço para o possível, para a singularidade, a ruptura, a resistência". Essas são condições para sua interpretação.

René Barbier (1998)¹ remete essa análise à escuta sensível que consiste no aguçamento da sensibilidade do pesquisador para saber ouvir e, mais que isso, saber escutar colocando-se na posição do outro. Distingue três tipos de oitivas: a científica-clínica que é própria da pesquisa-ação; a poético-existencial, aquela escuta que leva em conta os fenômenos imprevistos resultantes da ação das minorias e do que há de específico num grupo de indivíduos; e a espiritual-filosófica, a ouvida dos valores últimos que atuam no sujeito, isto é, no indivíduo e no grupo.

Esses valores são os que dão sentido à vida, aqueles pelos quais se aceita arriscar o essencial. A audiência dos depoimentos de atores sociais, realizada em algumas comunidades cearenses, a respeito das

¹ Texto apresentado no Congresso da ANPED (Associação Nacional dos Professores Pesquisadores em Educação, Caxambu, Brasil, setembro de 1992.). Publicado em português nos Anais do Congresso. O estudo constitui o eixo teórico do livro *L'Approche Transversale, l'écoute sensible em sciences humaines*. Foi publicado posteriormente em *Multirreferencialidades nas Ciências e na Educação* organizado por Joaquim Gonçalves Barbosa. Traduzido por Sidnei Barbosa. São Carlos, UFSCar, 1998.

concepções sobre o desenvolvimento de suas comunidades e acerca do turismo local, inscreve-se no eixo das três escutas de Barbier, e significa a forma de tomar consciência e de inferir do pesquisador que adota a lógica da abordagem transversal.

A escuta sensível do pesquisador passa por essa técnica da abordagem transversal, foge do instituído, trabalha a sensibilidade e a condição humana na dimensão dialética da criação, gerando uma coerência no processo de análise. A informação chega interpretada em primeira mão, provém do sujeito que fala e o analista procura encontrar na interpretação desse sujeito o sentido, submetendo sua análise a uma segunda interpretação.

Busca-se compreender como o objeto simbólico produz sentido, passando pela análise ideológica. Orlandi (2000, p. 74) distingue o real e imaginário como princípio básico da análise do discurso, dizendo que o que temos, em termos de real do discurso, é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutiva tanto do sujeito como do sentido.

De outro lado, em nível das representações, temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e a não contradição, na instancia do imaginário. É por essa articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário que o discurso funciona. É também dessa natureza a distinção (relação necessária) entre discurso e texto, sujeito e autor.

A autora argumenta que não basta falar para ser autor, pois a autoria implica uma inserção do sujeito na cultura e uma posição no contexto histórico social. Por conseguinte, as mesmas palavras podem ter significados diferentes e representam a alteridade por excelência, ou seja, o outro com toda sua historicidade. Isso explica os vários discursos sobre o turismo e seu

desenvolvimento. Na palavra, está contido o não-dito ou o implícito, o pressuposto, o subentendido e até o silêncio.

Orlandi (2000, p. 83) "distingue o silêncio fundador (que faz com que o dizer signifique) e o silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez pode ser um silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras e o silêncio local que é a censura, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura".

O discurso em torno dos lugares e do turismo é um repertório polêmico, no qual o referente é disputado pelos interessados, numa relação tensa de alterações de sentidos, configurando-se como uma prática de resistência e afrontamento.

Daí por que para uns, interessa o discurso do turismo degradador e para outros o do turismo desenvolvimentista. Ao dizer, significa-se o homem e significa-se o próprio mundo ao mesmo tempo, ou seja, a realidade constitui-se nos sentidos que o homem dá na posição de sujeito e exercício social. Dessa maneira, a linguagem é uma prática, não apenas no sentido de efetuar atos, mas aquela de dar sentidos, de intervir no real.

A análise dos depoimentos, dos discursos de atores sociais, dos documentos realizados neste trabalho teve como base estudos de Geraldi (2003), de Bakhtin (2002), de Ribeiro & Garcez (1998), de Brandão (1998), de Orlandi (2000), de Bardin (1977) que entendem o discurso como a palavra em movimento e a mediação necessária entre o homem e a realidade.

Pode-se tomar como objeto de análise discursos, artigos, textos de jornais, entrevistas, depoimentos de natureza diversa; algumas são peças do planejamento governamental, práticas empresariais e depoimentos de líderes comunitários. O turismo é situado como opção para o desenvolvimento dos países, estados e municípios e esta superestimação de seu desempenho criou falsas expectativas, pois

o turismo, que por si mesmo não oferece possibilidade de solução dos problemas, não tem condições de desenvolver regiões pobres, nem de distribuir a riqueza do País.

Fez foi acrescentar problemas, mesmo quando passou a ser tratado como política, porque é produzido para acumulação capitalista e não para atender as necessidades básicas do trabalhador. Transforma o espaço local em mercadoria global. O espaço que já havia sido valorizado por outras atividades capitalistas, inclusive para o veraneio, passou a ser revalorizado ao nível do mercado global, ou seja, dá outra dimensão ao processo de valorização dessa mercadoria. É por esta razão que o custo de vida fica mais caro para todos, nas comunidades receptoras, sacrificando mais ainda os residentes.

Os discursos e as práticas políticas dos governos e dos grandes empresários diferem dos discursos das comunidades e dos pequenos empreendedores, porque têm focos de interesses específicos - para os primeiros, o centro é a acumulação de capital e para os outros o enfoque é humanista, baseado na solidariedade entre povos e lugares. Idéias dominantes são divulgadas, propaladas até a formação de um discurso coletivo, daí por que todos afirmam que o turismo é gerador de emprego e renda. Esta mentalidade inerente a fala dos sujeitos sociais do turismo - dos governos, empresários e mesmo das comunidades, - corre o risco de se transformar em discurso sem significado, vazio e desacreditado ou vigências, nos termos de Ortega y Gasset (1973); idéias que se tornam opiniões estabelecidas. As vigências não necessitam de apoio e amparo por parte de indivíduos ou grupos determinados, pelo contrário, impõem-se a todos e exercem sobre todos a sua pressão. Em um primeiro momento, a idéia é pressionada, depois é vigência e não mais questionada.

Alguns estados brasileiros, especialmente o Ceará, vêm servindo como laboratório dessa dialética expressa nos discursos e práticas sobre o turismo, que se opõem a uma visão oficial e de mercado definindo-se como humanista e comunitária.

O discurso do governo garante que o Estado está a caminho do desenvolvimento, e que este é o caminho certo, pois não há outro, os obstáculos deverão ser vencidos. Adota normas e posiciona-se a favor das empresas, com políticas indutivas da economia, similar a outros países latinos americanos, cujos discursos ratificam a proposta neoliberal, engrandecem o mercado e omitem sua missão. O Estado evita fazer interlocuções com seus críticos, não está disposto muitas vezes a ceder seus pontos de vistas e, quando incorpora em seus discursos a idéia de comunidade e da inclusão social, o faz para se legitimar, mais que isso, para cooptar os movimentos e as resistências sociais. Assim, as políticas de turismo são sistemas logísticos globais sob o comando de corporações e bancos internacionais que se sobrepõem à lógica dos governos estaduais e municipais, redirecionando-as para interesses globais, embora guardem relativamente especificidades regionais. Os estados que não possuíam ambientes sociais e culturais favoráveis não tiveram outra saída senão investir na construção de uma forma de turismo segregado, que impede o turista de conhecer de fato o local que visita.

Muitos acreditam que a atividade foi introduzida nos países periféricos como alternativa de oferta de emprego e renda, e isso virou um mito. Daí por que aqueles que ainda não se inseriram nos roteiros lutam para sua inclusão e a fim de atrair visitantes que comprem seus produtos, degustem a comida típica local, adquiram o artesanato, usem a hospedagem e usufruam a natureza ou paisagem com as trilhas para passeio e

deleite. O planejamento no turismo, a administração, as políticas e gestões tão solicitadas, por si não superarão as crises, porque o cerne da questão não está nessas ausências, mas nos conteúdos desses instrumentos, que são o próprio conteúdo das crises, seja no turismo ou outro setor da sociedade. Exige superar os problemas das territorialidades turísticas como um problema da gestão. Portanto, o caos não está nele próprio, mas no conteúdo que se deu a ele.

O discurso dos empresários em muitos pontos afina-se com o do Governo; poderá haver conflitos quando exacerbam sua tutela sobre o Estado, visando a maximizar benefícios e pouco retorno na forma de arrecadação estatal. É de exigir intervenções protecionistas como condições ao desenvolvimento de seus negócios, que são vistos como o desenvolvimento do próprio Estado. Defende a bandeira do efeito multiplicador do turismo e da geração do emprego e renda. Entre os empresários do turismo, há disputa de poder pelo mercado e espaços turísticos. A relação local e global nem sempre é harmoniosa nem atende a interesses comuns.

O discurso da sociedade civil organizada e das comunidades é dividido entre aqueles que não acreditam no turismo e acham que os empresários superestimam suas possibilidades quando fazem referências aos extraordinários ganhos do setor e os que acreditam que o turismo promove o desenvolvimento e trará solução para tudo. Os descrentes mostram que o governo e a classe empresarial são aliados e se omitem da discussão, não assumem responsabilidades sobre os problemas criados por eles mesmos, como: a acelerada expansão do uso do solo urbano, a especulação imobiliária, o esgotamento dos recursos naturais continentais e marinhos, os problemas das migrações massivas incontroláveis, a desordem urbana, a

segregação espacial, a descaracterização cultural e a expropriação das terras das comunidades nativas.

Pode-se dizer que existem diversos discursos sobre o turismo e que eles estão relacionados a grupos dominantes, ou de resistências e subjugados; que ele não é diferente de nenhuma atividade capitalista, portanto não é uma maldição nem uma benção como afirmam alguns; ele é o que determinam as práticas políticas dos discursos hegemônicos e dos de resistência. Não pode ser, portanto uma atividade econômica sólida, que possa resolver os problemas socioeconômicos estruturais dos países periféricos, embora faça promessas neste sentido.

A perspectiva do turismo local e comunitário não significa desconhecer a presença do Estado e da mundialização do capital, pois não se trata de se desconectar dessas realidades, mas implica voltar a política estatal para os interesses das economias populares dentro de lógicas alternativas com resultados mais socializados e mais próximos das populações locais. Os espaços turísticos inserem-se em processos de "turistificação", e, desde que permaneçam sendo interesse do capital, continuarão em expansão, e a tendência está sendo cada vez mais acelerar o crescimento dos equipamentos e dos fluxos turísticos. O investimento da infra-estrutura nas áreas chamadas turísticas impõe também a necessidade de implementação de infra-estruturas urbanas nas áreas não turísticas. Há que se cuidar da cidade toda e não apenas das áreas turísticas. O turismo, contudo requer áreas especializadas, aloca-se nas mais bonitas e conservadas; isto é uma solicitação da própria atividade, considerando que o turista está comprando um serviço caro e, sobretudo, fugindo dos problemas nos pólos emissores, não querendo encontrá-los nos receptores.

Suas recomendações naquele momento foram: "não vamos pensar o turismo como um fenômeno isolado. Vamos concebê-lo não apenas como atividade econômica, mas como oportunidade de plenitude da existência humana. Vamos encontrar uma forma mais generosa de fazer turismo, que inclua a humanidade. Vamos esquecer a balança de pagamentos e nos lembrarmos do processo civilizatório, porque o turismo pode contribuir para uma civilização mais humana". Assim, o discurso do professor Milton não era isolado, mas faz parte de muitos outros e também do repertório destes pesquisadores e de suas práticas políticas.

Referências bibliográficas

- ALVARES, Claude. Ciências. In: Sachs, Wolfgang. Dicionário do desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BAKHTIN, Mikahail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Trad. Vera. Frateschi. São Paulo, Hucitec, 2002.
- BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: Barbosa, J. B. Multireferencialidades. São Carlos: Edufscar, 1998.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: Unicamp, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1995.
- FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. Lisboa: Portugalia, 1976.
- _____. A Ordem do Discurso. São Paulo, Loyola, 1999.
- GERALDI, J. Wanderley. Curso Análise do Discurso. Fortaleza: Mestrado em Geografia da UECE. Anotações de Aula. Set/2003.
- GIDDENS, Anthony. Capitalismo y La Moderna Teoría Social. Barcelona IDEA BOOKSS, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. Lógica formal, lógica dialéctica. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- MESQUITA, Vianey. Acerca do Conhecimento e Método. In: Resgate de Idéias. Fortaleza: Programa Editorial da Casa José de Alencar / UFC, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. Un Nuevo Análisis para el Desarrollo. In: La Cumbre Mundial sobre Desarrollo Social. Copenhague: Nações Unidas, 1995.
- _____. Cultura de massas no século XX: Cultura em Debate. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- _____. Epistemologia da Complexidade. In: Schnitman, Dora Fried. Novos Paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- OLIVEIRA, P. de Salles. Metodologias ciências humanas. São Paulo: Hucitec, 1998.
- ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.
- ORTEGA y GASSET, José. O Homem e a gente - Inter-Comunicação Humana. Trad de J. Carlos Lisboa. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1973.
- RIBEIRO, Branca T. GARCEZ, Pedro M. Sociolinguística internacional. antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE Editora, 1998.
- SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização: Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- TRIGO, Luis G. A Sociedade Pós - Industrial e o Profissional em Turismo. Campinas: Papius, 1998..